
PARTE V

Dia Mundial de Oração pela Ordenação das Mulheres

Conferência da teóloga católica JOAN D. CHITTISTER,
promovida pela secção portuguesa do movimento internacional
«Nós Somos Igreja»

moderada pela jornalista ISABEL STILWELL
e acolhida na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias,
pelo Centro de Estudos em Ciência das Religiões, em 25 de Março de 2003

Efeméride

Em Julho 2001 realizou-se uma Conferência Ecuménica Mundial sobre a Ordenação das Mulheres, promovida pela ORGANIZAÇÃO MUNDIAL PELA ORDENAÇÃO DAS MULHERES, com o tema «CHEGOU A HORA – CELEBRANDO O CHAMAMENTO DAS MULHERES A UM SACERDÓCIO RENOVADO NA IGREJA CATÓLICA»

As Resoluções foram as seguintes:

PREÂMBULO

Nós, Povo de Deus, aqui reunidas/os, em Dublin, Irlanda vindas/os de vinte e seis países e dos cinco continentes, para participar na Conferência Ecuménica Mundial sobre a Ordenação das Mulheres, declaramos que como seguidoras/es de Cristo estamos a corresponder ao chamamento para um discipulado radical, procurando a justiça a fim de todas e todos poderem participar no sacramento da Ordem. As e os participantes celebraram com alegria a liberdade de expressão e o primado da consciência proclamados pelos ensinamentos do Concílio Vaticano II. Consideramos que toda a obstrução a estes constitui uma violação dos direitos humanos, impedindo o Espírito Santo de conduzir as suas igrejas à plenitude da verdade. As e os participantes na Conferência consideram que as vocações não podem ser condicionadas por razões de género, etnia, estado civil, orientação sexual, nível educacional ou oportunidades de vida.

RESOLUÇÕES

1. Esta Conferência apela ao Papa para revogar a proibição de se poder debater a ordenação das mulheres.
 2. Esta Conferência apela a cada uma das organizações que integra a Organização Mundial pela Ordenação das Mulheres a prosseguir o diálogo com os bispos locais, com religiosas e religiosos, sacerdotes e leigos acerca da ordenação das mulheres, no contexto da reconstituição de um discipulado autêntico.
 3. Esta Conferência apela aos dirigentes da Igreja Católica para restabelecer o diaconato das mulheres de acordo com a prática da Igreja primitiva.
 4. Esta Conferência encoraja aquelas mulheres que se sentem chamadas, a prepararem-se para o diaconato e para o sacerdócio e apoiará o estabelecimento de cursos de formação adequados, nos lugares onde ainda não se encontram disponíveis.
 5. Esta Conferência está decidida a promover a causa da ordenação das mulheres, chamando constantemente a atenção pública para esta questão, através de eventos realizados pelas organizações que integram esta vontade, e estabelecendo o dia 25 de Março como o dia anual de oração pela ordenação das mulheres. Procurará ainda organizar uma conferência mundial dentro de três a cinco anos.
 6. Esta Conferência apela aos ministros de todas as igrejas de adaptar a linguagem utilizada na liturgia, a fim de que esta possa reflectir a igual dignidade de todas as pessoas, filhas e filhos de Deus. As imagens de Deus precisam de reflectir quer o feminino quer o masculino.
 7. Esta Conferência saúda Ludmila Javorova, a nossa irmã sacerdote, assim como as mulheres diaconisas, ordenadas pelos corajosos bispos da Igreja Católica na clandestinidade, na antiga Checoslováquia e solicita ao Vaticano que se junte a nós no reconhecimento da validade das suas ordens.
 8. Esta Conferência propõe que a Organização Mundial pela Ordenação das Mulheres, através dos grupos que a integram, proporcione apoio financeiro para aquelas e aqueles que são excluídos das suas funções profissionais por serem a favor da ordenação das mulheres.
 9. Esta Conferência apela à Organização Mundial pela Ordenação das Mulheres, através dos grupos que a integram, que encoraje aquelas mulheres e homens que tenham sido castigados por serem a favor da ordenação das mulheres a contar publicamente a sua história e a expor as atitudes tomadas pelo Vaticano.
 10. Esta Conferência propõe que a Organização Mundial pela Ordenação das Mulheres estabeleça um sistema de correio electrónico, de resposta rápida, a fim de apoiar a articulação entre os grupos favoráveis à ordenação das mulheres.
 11. Esta Conferência propõe que a estola/laço de cor roxa seja adoptado como o símbolo internacional da ordenação das mulheres.
- Dublin, 1 de Julho, 2001

A teóloga JOAN CHITTISTER foi uma das conferencistas nesta Conferência, pelo que o Movimento Nós Somos Igreja-Portugal, que também esteve presente na Irlanda, resolveu convidá-la para vir a Portugal fazer uma conferência no dia 25 de Março de 2003, para celebrar o Dia Mundial de Oração pela Ordenação das Mulheres. Vale a pena salientar que o objectivo da conferência era procurar um sacerdócio renovado e não uma mera imitação por parte das mulheres dos modelos de sacerdócio que actualmente imperam nas igrejas diocesanas. A sua vinda foi apoiada financeiramente pela Fundação Calouste Gulbenkian, e foi hospedada gratuitamente pelas irmãs Dominicanas da Quinta das Mouras.

O discipulado

Um povo sacerdotal em tempo de falta de sacerdotes

*Que deveremos nós fazer
como Povo Sacerdotal
que somos?
Temos que assumir
responsabilidades.
Temos que retomar
a igreja.
Temos que ensinar
aos dirigentes o caminho
da plenitude
da vida cristã!*

*Joan D. Chittister
O.S.B.*

Talvez as três histórias que vos vou contar sejam a melhor forma de ilustrar estas reflexões acerca do discipulado num tempo de transição.

A primeira diz respeito a uma senhora idosa e amorosa que tinha um hábito único e perigoso que consistia em, ao volante do seu carro, virar à esquerda, cortando o trânsito, sem fazer sinal de pisca-pisca. Dizem que o condutor do Mercedes contra o qual ela chocou nesta última vez, saiu do carro, deu a volta, dirigiu-se à janela do lado da condutora e perguntou-lhe «Mas minha senhora, porque é que não fez sinal?» A senhora idosa olhou para ele e disse: «Porque, meu filho, é sempre aqui que eu viro!» A pergunta que se coloca é: porque é que as mulheres persistem em querer ministrar numa igreja que parece não querer esse ministério?

A segunda história refere-se a poeta Zen, chamado Basho, que escreveu: «Eu não procuro seguir nos passos dos antepassados; eu procuro o que eles procuravam.»

E a terceira história é oriunda da literatura monástica antiga e reza assim: Era uma vez um presbítero que viajou com grande dificuldade até um mosteiro longínquo, porque lá vivia um velho frade que tinha fama de fazer perguntas muito incisivas sobre temas espirituais. «Santo frade», disse o presbítero, «apresente-me uma pergunta que possa renovar a minha alma». «Ah, então», retorquiu o velho, «a pergunta deve ser de que é que eles precisam?» O presbítero matutou acerca da pergunta durante vários dias mas, finalmente, triste e de-

cepcionado, desistiu e voltou a falar com o velho frade. «Santo frade», disse o presbítero, «Eu vim até cá porque estou cansado, deprimido e vazio. Não vim cá para falar acerca do meu ministério. Vim cá para falar da minha vida espiritual. Por favor, dê-me outra pergunta». «Ah, agora é que eu estou a ver», disse o velho monástico, «nesse caso, a pergunta certa para si não é de que é que eles precisam? mas, antes, de que é que eles verdadeiramente precisam?»

Esta é uma pergunta que não me larga. De que é que o Povo de Deus precisa verdadeiramente num tempo em que estamos a perder os sacramentos numa igreja sacramental e no entanto qualquer abordagem da questão – até mesmo admitir que existe uma pergunta admissível acerca da natureza e do significado do sacerdócio – está a ser bloqueada, obstruída, negada e suprimida? «De que é que eles verdadeiramente precisam?» transformou-se num apelo que ecoa em mim sem cessar, não só por razões filosóficas.

No cimo de uma montanha no México, depois de percorrer uma longa estrada cheia de buracos e com um piso de barro movediço e húmido, visitei uma aldeia índia. O padre ia lá uma vez por ano. Mas isto passou-se há anos e anos. Agora a montanha continua a ser muito alta e o padre envelheceu quinze anos.

Há cinco anos fiz uma conferência numa paróquia nos Estados Unidos da América, que tinha 6000 famílias – um destes novos fenómenos ocidentais conhecidos como «mega-igrejas» e que dispunha de 3 padres. Aqui não há falta de padres, dizem os mesmos enfaticamente, porque o bispo redefiniu o *ratio* ideal de padre/paroquianos – antes era de um padre por cada 250 famílias mas agora é um padre para 2000 famílias. Em todas as dioceses as paróquias estão a ser agrupadas, encerradas ou transformadas em «reserva», e quem as serve são padres reformados ou diáconos masculinos casados, ou seja o que se pretende é manter uma igreja masculina, quer esta esteja ou não a cumprir o seu ministério. O número de padres está a decrescer; o número de católicos está a aumentar; o número de ministros leigos reconhecidos está a aumentar em todos os lugares, apesar de simultaneamente se estar a restringir os seus serviços, a rejeitá-los ou a torná-los obsoletos em grande número de paróquias.

Na Pensilvânia vive uma menina de cinco anos que, quando os seus pais responderam à pergunta que ela tinha feito acerca do porquê da ausência de mulheres sacerdotes na paróquia que frequentavam, dizendo simplesmente que «Na nossa igreja não temos padres femininos, querida», a menina pensou durante uns momentos e respondeu incisivamente e com clareza: «Então porque é que nós vamos a essa igreja?»

Não há dúvida que a igreja está a mudar enquanto, ao mesmo tempo, reafirma a sua imutabilidade. Mas esta resistência estática está longe do dinamismo da igreja primitiva na qual a Prisca, a Lídia, a Tecla, a Phoebe e centenas de mulheres como elas, instituíram igrejas domésticas, caminhavam como discípulas de Paulo, «levando-o, seguindo as Escrituras, a servir numa determinada região». Elas instruíam o povo na fé e ministravam nas comunidades cristãs nascentes sem ter que pedir desculpa, sem argumentação, e sem especiosos jogos de conchas teológicas sobre se estavam a efectuar o seu ministério *in persona Christi* ou *in nomini Christi*. Torna-se evidente de que quer a pergunta quer a resposta são bem claros: «De que é que eles realmente precisam?» Precisam daquilo de que precisaram quando o templo se tornou mais importante do que a Tora. Precisam daquilo de que precisaram quando a fé era mais visão do que instituição. Precisam daquilo de que sempre precisaram: precisam de comunidade e não

de clericalismo patriarcal; precisam do sagrado e não do sexismo. O Povo precisa de mais profetas da igualdade e não de mais candidatos a um sacerdócio de privilégio masculino. Precisam de discipulado e não de decretos canónicos.

Então o que podemos nós fazer nestes tempos presentes, quando aquilo que se procura e aquilo que é possível são duas coisas bem distintas? Aonde podemos oferecer as nossas energias quando nos dizem que a nossa energia não é bem vinda? As perguntas podem parecer modernas mas a resposta é velha, é antiga e é verdadeira. A resposta é discipulado.

Não há dúvida de que não podemos ter um «sacerdócio renovado» a não ser que tenhamos um discipulado renovado em nós e em torno de nós – em torno de nós e dentro de nós. A nossa tentação consiste em cansarmo-nos neste processo aparentemente estéril de busca de mandato. Mas o nosso chamamento real consiste num novo compromisso com as exigências essenciais, antigas e autênticas do discipulado.

Para podermos renovar o sacerdócio tempos que fazer reviver o discipulado.

Se procuramos a ordenação oferecida a todos por Jesus, temos que considerar três aspectos:

1. Temos de compreender a natureza do discipulado;
2. Temos de reconhecer a natureza do discipulado;
3. Temos de corresponder desde já e de imediato àquilo que o discipulado exige.

O que é o discipulado? O discipulado cristão é, pela sua natureza, algo de muito perigoso. Todas as pessoas que já o aceitaram encontram-se em algum risco. Todos os seguidores que o tomaram a sério ficaram sujeitos a rejeição. Quer se tratasse de Martin de Tours, John Henry Newman, Mary Ward ou de Dorothy Day. O discipulado coloca todas as novas e frágeis comunidades cristãs em estado de tensão com o tempo em que se afirmam.

Na igreja primitiva ser uma comunidade cristã significava desafiar o imperialismo Romano, pôr à prova o próprio judaísmo, confrontar valores pagãos com valores cristãos. Exigia uma presença muito concreta; era necessária muita coragem, uma firmeza sem desfalecimentos e uma postura pública muito clara.

Um verdadeiro discipulado significava a rejeição de muita coisa concreta: significava rejeitar a adoração do imperador; a recusa do sacrifício animal; a inclusão dos gentios, a não-observância de normas alimentares, a negação da circuncisão; a aceitação das mulheres e o domínio do amor em vez da letra da lei, do universalismo em vez do nacionalismo, de um povo global em vez de um povo escolhido.

Naquela época seguir Cristo não era uma excursão em direcção ao intelecto, era qualquer coisa de muito real, de muito imediato e cósmico. Não era fácil então e não será fácil agora.

O problema com o discipulado cristão é que em vez de exigir apenas um tipo de exercício académico ou ascético – que é o significado de outros tipos de «discipulado» – o discipulado cristão exige um tipo de vivência que acabará por nos afastar das salas de banquete de direcções prestigiantes, dos lugares com poder de decisão sobre a vida dos outros e das procissões de honrarias eclesiásticas até às margens mais suspeitas quer da igreja quer da sociedade.

Seguir Jesus, por outras palavras, é seguir aquele que vira o mundo de cima para baixo ou de baixo para cima, até o mundo religioso. O mínimo que se pode dizer é que

o verdadeiro discipulado é um esquema perfeitamente *sui generis*. Aquelas pessoas que precisam de aprovação, de estatuto social e de respeitabilidade pública não devem candidatar-se.

Seguir Jesus é seguir um caminho sinuoso que nos leva sempre, e seja qual for o local onde vivamos, a lugares onde uma pessoa «como deve de ser» não iria, ou a espaços de exigência que muito nos custam desbravar.

O discípulo/a discípula carrega consigo uma visão do mundo que exige respostas imediatas. O discipulado cristão não é uma preparação para a vida para além da morte ou um distanciamento exaltado do tempo presente. O discipulado cristão consiste no compromisso de viver uma vida evangélica, uma vida marginal aqui e agora, seja qual for o preço.

Seguir Cristo consiste em construir um mundo onde as normas que nos foram ensinadas se transformam, demasiadas vezes, naquelas normas que precisamos de rejeitar. Bandeira e pátria, lucro e poder, chauvinismo e sexismo, clericalismo e autoritarismo em nome de Cristo não são virtudes cristãs, seja qual for o sistema que através deles se procura legitimar.

O discipulado cristão tem a ver com um modo de vida, aqui e agora, neste mundo, que se relacione com a forma como Jesus o Cristo viveu no seu mundo – tocando nos leprosos, socorrendo burros que tinham caído numa vala ao Sábado, interrogando o inquestionável e – convivendo com mulheres!

O discipulado implica o abandono do confortável e adquirido, as posições importantes e a segurança, as mordomias e as legalidades, a fim de ser agora – no nosso mundo – aquilo que Cristo foi no seu mundo.

O verdadeiro discípulo que ouve os pobres e que cuida de todos e de qualquer um, que tendo sido utilizado pelos poderes estabelecidos é depois abandonado para caminhar só, desconhecido num mundo patriarcal, não desejado num mundo patriarcal mas amplamente utilizado por um mundo patriarcal que abusa do poder, a fim de obter lucros quer imorais quer injustos.

Ser discípula ou discípulo significa enfrentar um mundo que apenas se interessa por manter os seus fins seja qual for o custo. Se é por causa do discipulado que aqui está não se deixe iludir!

O preço é muito elevado e a história bem o atesta. Teresa de Ávila, João da Cruz e Joana d'Arc foram perseguidas e perseguido por se oporem à própria hierarquia – e posteriormente foram por ela canonizados. O discipulado custou a Mary Ward a sua saúde, a sua reputação e até um enterro católico. O discipulado custou a vida a Martin Luther King Jr.

Não haja dúvidas: a própria natureza do discipulado é a paixão e o risco. Mas não basta compreender a natureza do discipulado.

Temos que ficar marcadas pela sua marca. E qual é a marca do verdadeiro discipulado? O verdadeiro discipulado relata a verdade em tempos difíceis.

Para o/a verdadeiro/a discípulo/a o problema é bem evidente: À igreja não basta pregar o Evangelho, não o pode obstruir. Tem que ser aquilo que diz ser. Tem que ser testemunha daquilo que prega. Tem que ser julgada na base das suas próprias propostas. A igreja que, de forma silenciosa, colabora no aprofundamento da pobreza ou no empobrecimento económico do «outro» estrangeiro ou rácico, em nome do patriotismo ou da cidadania, torna-se em apenas mais um instrumento do Estado.

A igreja que benze os governos opressores em nome da obediência a uma autoridade, que nega a autoridade de consciência, transforma-se ela própria em opressora. A igreja que se cala face à militarização maciça, realizada em nome da defesa nacional, abandona o compromisso com o Deus do amor e escolhe antes a preservação da religião civil.

A igreja que prega a igualdade das mulheres mas que nada faz para o demonstrar dentro das suas próprias estruturas, que proclama uma teologia de igualdade mas insiste numa eclesiologia de superioridade, não está sincronizada com o melhor de si mesma e está perigosamente próxima de repetir os erros teológicos que sancionaram a escravatura durante séculos.

A diminuição das mulheres em nome da santidade e do essencialismo da maternidade confronta-se abertamente com o Jesus que revirou mesas no templo, enfrentou Pilatos no seu palácio, admoestou Pedro para que guardasse a sua espada e, apesar do que era norma naquela época, curou a mulher com hemorragia, e não deixou que os seus apóstolos silenciasses as mulheres Samaritanas, por causa das quais, segundo nos dizem as Escrituras, «Muitos acreditaram nele» (Jo.4, 39). Aliás, a vida de Jesus demonstra-nos que a invisibilidade das mulheres na igreja ameaça a essência da própria igreja.

É evidente que o discipulado não se pode basear no sexismo. Não se pode basear em normas culturais. Não se pode basear em piedade privadas. Pelo contrário. O discipulado confronta o que é santo com o que é mundano.

Confronta o coração de Cristo com um mundo sem dó, eminentemente orientado para o masculino, definido e controlado pelo masculino. Não é esse o modelo que as Escrituras nos dão de um verdadeiro discipulado. Ser discípula ou discípulo à maneira de Judite e de Ester, de Débora e de Rute, de Maria e de Maria Madalena significa comprometermo-nos na construção de um mundo onde os fracos têm que vencer os fortes. O verdadeiro discípulo começa como a profeta Rute a formatar um mundo onde os ricos e os pobres possam partilhar o jardim, de acordo com as suas necessidades. O/a verdadeiro/a discípulo/discípula enceta uma caminhada, tal como o fez a juíza Débora, para construir um mundo onde os últimos serão os primeiros e os primeiros os últimos – começando por nós próprios.

A/o verdadeira/o discípula/o insiste, tal como fez a líder Judite, que as mulheres possam realizar no mundo aquilo que até ao momento só foi admissível aos homens, unicamente porque os homens assim o determinaram! Ao discípulo ou discípula que caminham na sombra de Ester, que foi tanto a salvadora do seu povo como o foi Moisés, o reino de Deus – o acolhimento dos expulsos, a reverência pelo outro, o respeito pela criação – um país estrangeiro que passa a ser nosso. «Vem e segue-me» (Marcos 10, 21) transforma-se num hino de proclamação pública do qual ninguém – absolutamente ninguém – está excluído e para o qual nenhum risco é demasiadamente forte.

O verdadeiro discipulado, sabemos-lo pela vida do Cristo que seguimos, não é ser sócio de um clube social clerical apelidado de igreja. Não é esta a ordenação que aqueles que realmente foram ordenados querem aceitar.

O discipulado não é um exercício intelectual nem um *âmen* perante um corpo de doutrina. O verdadeiro discipulado é uma atitude de espírito, uma qualidade de alma, uma forma de viver, que não sendo política tem sérias implicações políticas e que

poderá não ser oficialmente eclesiástica mas que, por fim, transformará uma igreja que é mais eclesiástica do que comunitária. O verdadeiro discipulado muda as coisas porque não consegue ignorar as coisas tal como elas são. Recusa tudo o que possa confrontar a vontade de Deus para a humanidade... não importa que seja sensato, não importa que seja racional, não importa que seja costumeiro, não importa que seja óbvio, não importa que seja historicamente patriarcal, não importa que tenha sido muitas vezes chamado «a vontade de Deus» por aqueles que pretendem determinar qual é essa vontade ou que queiram impor aos outros o que dizem ser essa vontade.

O/a discípulo/a confronta-se publicamente com os valores de um mundo que favorece apenas aqueles que já são favorecidos. O/a verdadeiro/a discípulo/a confronta aquelas instituições que dizem que «libertam» mas que mantém metade dos povos do mundo em escravatura.

Ele ou ela ficam revoltados com sistemas que estão mais interessados em excluir pessoas incómodas do que em proporcionar acolhimento a todas as pessoas, sejam elas quem forem. O verdadeiro discipulado toma sempre, sempre, sempre o partido dos pobres, das minorias, dos excluídos, dos injuriados, dos rejeitados, dos outros, apesar do poder dos ricos e dos poderosos – e isto não porque os pobres e os deserdados sejam mais virtuosos do que os ricos e poderosos mas porque o Deus do amor também deseja para eles aquilo que os ricos e os poderosos lhes questionam ou recusam.

O discipulado não tem medo de desbravar caminho entre pessoas de tipo dominador como Herodes; entre pessoas de tipo institucional como os fariseus, entre pessoas encostados a sistemas como sejam os cambistas, e entre pessoas chauvinistas como aqueles apóstolos que queriam mandar as mulheres embora.

O discipulado mantém-se só e despojado no meio da praça do mundo e, em nome de Jesus, grita bem alto todos os gritos do mundo até que alguém, algures, oiça e responda aos mais pobres dos mais pobres, aos mais baixos dos mais baixos, aos mais excluídos dos rejeitados. Tudo o resto – toda a pompa, todas as rendas douradas e as sedas encarnadas, todos os rituais do mundo – é o que dizem os Evangelhos, não passa de um discipulado medíocre e falso.

É aí que reside o problema: ser alguém com a coragem necessária para enfrentar por si só aquela tempestade a que se chama «o mundo real» é uma coisa; já é outra completamente diferente a igreja ser algo menos do que um verdadeiro reflexo do Cristo vivo. Porquê? Porque a igreja de Jesus Cristo pode não ser chamada ao sacerdócio ordenado tal como hoje o conhecemos, mas a Igreja de Cristo é sempre, indiscutivelmente, chamada ao verdadeiro discipulado.

Para a igreja – ou seja para vós e para mim, tal como para a instituição, não ir ao encontro do que exige o discipulado agora, significa que a igreja abandonou o discipulado que exige ao mundo. Ver a igreja de Cristo negar aos pobres e aos deserdados o que lhes é devido, significa que assume para si aqueles mesmos sistemas que censura à sociedade. É a igreja negar-se a si mesma. Quanto muito será reduzir a religião a mais uma instituição social destinada a confortar o confortado mas não a desfazer as cadeias que acorrentam a maior parte da humanidade – e todas as mulheres – à cruz.

Neste tipo de igreja, os Evangelhos foram reduzidos ao catecismo. Neste tipo de igreja, a profecia morre e a justiça definha e a verdade torna-se demasiadamente ténue para que o coração em busca a possa ver.

Hoje em dia, como talvez nunca antes na história, o mundo e portanto a igreja no

seu seio, está a ser provado até ao máximo por situações de vida que, nem que seja pela sua imensidade, estão a abanar o planeta até às suas próprias fundações. Novas questões se colocam na vida com grande ímpeto e persistência inexcedível. E a maior de todas essas questões é a das mulheres.

As mulheres constituem a maioria dos pobres, a maioria dos refugiados, a maioria dos analfabetos, a maioria dos violentados, a maioria dos rejeitados deste mundo. Até na igreja, onde mulheres preparadas, dedicadas e comprometidas são ignoradas pela própria linguagem da Missa!

Onde está a presença de Jesus na mulher espancada, na mulher mendiga, na mulher abandonada, na mulher só, na mulher cujas interrogações, exclamações e experiências de vida não encontram qualquer lugar nos sistemas do mundo e também nenhum lugar na igreja? Excepto, é claro, para ser definida como uma espécie de natureza humana secundária, não exactamente tão competente, nem tão valorizada, nem tão humana, nem tão abençoada por Deus como são os homens? A verdadeira pergunta tem que ser a terceira. O que nos exige a teologia do discipulado? O que é que a teologia de um povo sacerdotal significa aqui? Será que as mulheres são apenas um semi-discípulo de Cristo? Para ser semi-reconhecida, seminotada, semivalorizada?

À luz desta situação, há conseqüentemente questões que são colocadas hoje em dia pela comunidade cristã que não podem ser mascaradas em notas de pé de página nem obscurecidas por jargão, nem tornadas mais apetecíveis por um recurso à «fé». Pelo contrário. Perante estas questões, as notas de pé de página não chegam. A própria linguagem da igreja só serve para sublinhar a questão enquanto que é a própria fé que a coloca.

O discipulado das mulheres é aquela questão que não irá desaparecer, por mais que rezem que tal aconteça, ou que procurem legisla-la para que se mantenha numa obscuridade eclesiástica. De facto, o discipulado da igreja no que concerne as mulheres é a questão que, a longo prazo, provará se a igreja está ou não em consonância com Jesus Cristo. Com a questão das mulheres, a igreja está a confrontar-se com um dos desafios mais profundos feitos ao discipulado, desde a emergência da questão da escravatura, quando também nessa altura, argumentávamos que a escravatura era a vontade de Deus para alguns – mas não para nós!

A maior questão que hoje em dia tem que ser enfrentada pelos cristãos é, talvez, o que significa o discipulado numa igreja que apenas quer que as mulheres se mantenham sentadas nos bancos dos templos.

Se o discipulado está reduzido à masculinidade, o que é que isto pode significar para o Povo Cristão? Se de facto apenas os homens podem viver o discipulado em pleno, para que serve uma mulher aspirar ao discipulado imposto, exigido e demonstrado pelo baptismo na vida de Jesus? O que é que isto significa para as próprias mulheres que têm que fazer face à rejeição, à desvalorização, e a uma teologia discutível que foi construída sobre os restos de uma incorrecta ciência biológica que foi teologizada? O que podemos fazer quando uma igreja proclama a igualdade das mulheres mas organiza-se em estruturas que garantam a sua desigualdade? E também vale a pena perguntar o que é que esta rejeição das mulheres ao mais alto nível da igreja significa para aqueles homens que se dizem iluminados mas que continuam a apoiar o próprio sistema que troça de metade da raça humana?

Que significa isto para uma igreja que se diz seguidora do Jesus que curava ao

Sábado e que ressuscitou mulheres da morte e que teve que enfrentar os professores da fé – com *mandatum* ou sem *mandatum*, com ou sem documentos «definitivos» ou não definitivos. E finalmente o que significa isto para uma sociedade que necessita urgentemente de uma perspectiva cósmica na madrugada de um tempo global?

As respostas são desencorajadoramente claras em todas as frentes. O discipulado cristão não corre apenas o perigo de ser abafado. A verdade é que o discipulado é agora o inimigo. A não-aceitação de alguns num discipulado pleno, oficial, legítimo – aquilo que a própria igreja ensina que nos é exigido a todas e a todos, sem excepção – tornou-se pelo menos tão problemático para a integridade da igreja como o é a exclusão das mulheres daquelas deliberações da igreja que enformam a sua teologia e formam o seu povo. As mulheres começam a interrogar-se se o discipulado tem algo a ver com elas. E é aí que se situa a grande questão contemporânea, o desafio actual do discipulado.

Algumas pessoas consideram que ser fiel aos Evangelhos significa fazer aquilo que sempre fizemos. Outras só encontram a fidelidade em ser aquilo que sempre fomos. A distinção é importante para a nossa compreensão do discipulado. A distinção também é essencial para podermos compreender o discipulado na igreja moderna. Quando «a tradição» se torna sinónimo de «o Sistema» e manter o sistema torna-se mais importante do que manter o espírito da tradição, o discipulado define e transforma-se, quanto muito, em «obediência» ou «fidelidade» ao passado, mas não um compromisso profundo com a presença do Cristo vivo que se confrontava com as lepras do seu tempo.

As sociedades antigas apelidavam os cegos de pecadores, uma criança do sexo feminino inútil, uma mulher menstruada suja, e todas elas marginais ao sistema, condenadas às franjas da vida, excluídas do centro da sinagoga, impedidas de entrar no coração do templo. Mas Jesus toma cada um e cada uma de nós no seu seio. Apesar das leis, sem atender às culturas, com a reprovação dos chefes espirituais locais e enche-nos com o seu espírito e envia-nos, em seu nome, pelos caminhos longínquos e próximos do mundo inteiro. Ser discípulo/a de Jesus significa que temos que fazer o mesmo que ele. Há, indiscutivelmente, certas coisas, que não se compadecem com qualquer tipo de racionalização em nome de floreios institucionais.

O discipulado infere, implica, exige nada menos do que o amor confirmante e ordenado de Jesus, em relação a todos e todas, seja em que local for.

Implica não dar ouvidos àqueles que se atrevem a estabelecer limites em torno da vontade de Deus em relação àqueles que chamamos os não-amados.

Definir a «fé» como vontade de aceitar o inaceitável é uma fé onde Jesus não cabe.

O discipulado e a fé são um todo. Dizer que acreditamos que Deus ama os pobres, que faz julgamentos em seu nome, que deseja a sua redenção e nada fazermos, nós próprios, para libertar os pobres, para ouvir o seu chamamento, para aliviar os seus fardos, para actuar em seu nome, é deveras uma fé vazia. Afirmar que Deus é amor e nós não amarmos como Deus ama poderá ser igreja mas não constitui cristianismo. Pregar uma teologia da igualdade, afirmar que todas as pessoas são iguais aos olhos de Deus mas, ao mesmo tempo, manter uma teologia de desigualdade, uma espiritualidade de domínio, que exclui metade da raça humana em função do género, da plenitude da fé, que afirma que as mulheres não têm lugar na esfera da igreja e no desenvolvimento da doutrina – e fazer tudo isto em nome de Deus, é viver uma mentira. Mas se o discipulado é seguir Jesus, para além de todos os limites, seja qual for o custo,

tendo em vista construir o reino de Deus e a estabelecimento de relações fraternas, então coarctar o chamamento que Cristo possa fazer a uma mulher, na base de ela não ser parecida fisicamente com Jesus, obstrui precisamente tudo aquilo que a igreja foi chamada a realizar.

Obstruir a capacidade de uma mulher poder seguir Cristo plenamente, de dar a vida pelo próximo, de abençoar, pregar, sacrificar-se e construir uma comunidade ‘em seu nome’ – tal como os documentos sobre o sacerdócio estipulam que um povo sacerdotal deve fazer e fazê-lo em nome da religião é uma contradição com o próprio Evangelho. Como é que uma igreja assim pode, com convicção, apelar ao mundo para que pratique a justiça quando ela própria não a pratica? Como é que a igreja pode pedir a outras instituições que considerem as mulheres como seres humanos de parte inteira, criadas à imagem de Deus, quando a sua humanidade é precisamente aquilo que a igreja lhes aponta em nome de Deus?

É uma pergunta filosófica de proporções incomensuráveis. É a grande pergunta que, tal como a escravatura, põe a igreja à prova. Para que a igreja possa estar presente nas questões das mulheres, para poder ministrar neste campo, para poder ser discípula, a própria igreja terá que se converter à questão.

De facto, a igreja terá que, ela própria ser convertida pela questão. Os homens que não levam o assunto das mulheres a sério poderão ser padres mas não são de certeza discípulos. Não podem, de modo nenhum, serem «outros Cristos». Não o Cristo nascido de uma mulher. Não o Cristo que pediu às mulheres que o pegassem. Não o Cristo que ouviu o pedido de sua mãe em Caná. Não o Cristo que enviou mulheres a pregar a ressurreição e a redenção da carne a apóstolos que não as queriam acreditar, naquele tempo, e continuam a não as querer acreditar, agora. Não o Cristo que enviou o Espírito Santo sobre Maria, a mulher, tanto como o enviou sobre Pedro, o homem. Não o Cristo que anunciou o seu messianismo com tanta clareza à mulher Samaritana, como o fez à «rocha» que mais tarde o negou. Se é este o Jesus que nós, como cristãos, como igreja, queremos seguir, então o discipulado da igreja é agora a questão fulcral que se coloca.

De facto, o poeta Basho escreveu: «Eu não procuro seguir nos passos dos antepassados; eu procuro o que eles procuravam.» O discipulado depende de nós conseguirmos transferir a vontade de Deus para a humanidade, para as questões colocadas neste tempo, tal como Jesus o fez no seu tempo. Enquanto a tradição servir para significar seguir nos passos do nosso passado em vez de procurar manter o espírito de Cristo no presente, então não é provável que consigamos preservar mais do que a concha exterior da igreja.

A consciência da universalidade da humanidade que transpõe as diferenças tornou-se no fio condutor que liga o mundo entre si, numa época global.

Aquilo que outrora era visto como a hierarquia natural da humanidade está agora a ser percebido como aquilo que é na realidade: a opressão da humanidade. A colonização das mulheres está a tornar-se tão inaceitável agora, tal como em tempos idos o foi a opressão colonial em África, as cruzadas contra os turcos, a escravatura dos negros e a matança dos povos indígenas, em nome de Deus.

É verdade que estão bem ao rubro em todo o mundo os debates teológicos; e é também verdade que, por todo o lado, o Espírito Santo está a abrir brechas – tal como o Espírito Santo o fez no Vaticano na década de 60 do século XX. Na Ásia, as mulheres

budistas estão a exigir a ordenação e o direito a fazerem as santas invocações. Na Índia, as mulheres começam a dançar as danças sacras e a acender os fogos sagrados. No Judaísmo, as mulheres estudam a Tora e agora levam os pergaminhos, lêem as escrituras e dirigem as assembleias. Só nas culturas mais atrasadas, mais legalistas, mais primitivas, é que as mulheres são objecto de invisibilidade, tornadas inúteis, tornadas menos do que humanidade, menos do que plenamente espirituais. É necessário proceder à humanização da raça humana. A única pergunta que podemos colocar à igreja é se a humanização da raça humana também levará à Cristianização da igreja Cristã. Se assim não for, o discipulado morrerá e com ele a integridade da igreja.

Temos que levar a sério a questão do discipulado sob pena de deixarmos a igreja do futuro com funcionários mas sem discípulos. Não podemos renovar o sacerdócio sem renovar o discipulado – quer o nosso quer o dos outros. A verdade é que o cristianismo se mantém vivo através dos cristãos e das cristãs, e não através dos livros nem através de documentos apelidados de «definitivos», a fim de esconder o facto de que, pelo menos, estão marcados pelo tempo. Não se mantém vivo através de frases feitas acerca de «vocações especiais», nem através de velhos erros, agora dignificados como constituindo ‘a tradição’. O que é novo é que o discipulado para as mulheres e o discipulado das mulheres é essencial ao discipulado do resto da igreja.

As perguntas são bem claras. A resposta é obscura e insegura mas essencial para o futuro de uma igreja que se apresenta como eterna. Thomas Carlyle escreveu: «A nossa principal tarefa não é olhar aquilo que mal se vislumbra ao longe mas de realizar aquilo que se apresenta com clareza ao nosso lado.»

Um grupo tal como vós o sois, num tempo tal como este é – povo sacerdotal num tempo quando não há sacerdotes – terá que preservar a visão na sua plenitude, a visão completa, a visão final, a visão inevitável – e mantê-la bem presente. Sim, é verdade. Mas também temos que ter bem presentes as tarefas do momento. E a tarefa presente consiste não se reduzir à preparação da ordenação presbiterial, numa igreja apostada em obstruí-la. Numa igreja que ou duvida – ou teme – o poder da verdade em persuadir e, em consequência, até chega a negar o direito de sequer discutir a questão dolorosa de as mulheres poderem ou não participar no sacramento da ordem.

Parece claro que a preparação para o acesso ao sacramento da ordem será pelo menos prematuro. Será talvez até prejudicial ao próprio Espírito, num clima como este. Não, efectivamente a tarefa dos tempos presentes é utilizar todas as organizações a que pertencemos a fim de desenvolver uma teologia da igreja, para que esta possa constituir uma massa crítica. Hoje em dia, a tarefa a que somos chamadas, é praticar um discipulado perigoso. Precisamos de grupos, livres de mandatos pré-estabelecidos, que organizem seminários, que incentivem debates públicos ao estilo das grandes disputas medievais, que argumentavam pró e contra a plena humanidade das pessoas indígenas.

Grupos que promovam encontros de estudo, apoiem publicações, escrevam livros, alimentem sítios pedagógicos na internet, e que fomentem reuniões tais como esta, onde hoje nos encontramos, onde as mulheres possam falar livremente, não olhando ao que poderá vir a acontecer aquelas e aqueles que nela participem. Temos que pôr grupos a funcionar em torno de temas tais como a infalibilidade da infalibilidade, o papel do *sensus fidelium* no desenvolvimento da doutrina, e a questão da clara exclusão das mulheres da restabelecimento do diaconato permanente – uma forma oficial de dis-

cipulado para as mulheres que claramente tem a teologia, a história, o ritual, a liturgia e a tradição do seu lado.

Chegou o tempo em que devemos trazer para a luz do dia as discussões que se escondem por de trás de todas as portas das igrejas, por detrás de todos os corações em caminhada.

Se, tal como o afirmou o Concílio Vaticano II, o sacerdócio requer a pregação, o sacrifício e a construção da comunidade, então a proclamação do advento de uma nova igreja, sacrificando-nos para a construir e formando uma comunidade empenhada na definição de um novo tipo de padre e no acolhimento de mulheres diaconisas permanentes, poderá constituir o melhor serviço sacerdotal que possamos agora realizar.

Assim, como a tal senhora idosa de que vos falei, ao início, é necessário virar, virar, virar sempre na direcção do discipulado – tal como as mulheres sempre o fizeram... mas agora de forma diferente.

Pois, como Basho o afirmou, não procuramos seguir nos passos dos antepassados. Procuramos o que eles procuravam. Não procuramos fazer aquilo que eles verdadeiramente precisam. Precisamos de fazer muito mais do que isso. Precisamos, agora e aqui, de fazer real e verdadeiramente o que eles precisam. Porquê? Porque, tal como João XXIII disse no *Pacem in Terris*, «Pois, quando numa pessoa surge a consciência dos próprios direitos, nela nascerá forçosamente a consciência do dever: no titular de direitos, o dever de reclamar esses direitos, como expressão da sua dignidade.»

E o Livro dos Provérbios ensinou claramente que quando o Povo lidera os dirigentes acabarão por segui-los. Então, que deveremos nós fazer como Povo Sacerdotal que somos? Temos que assumir responsabilidades. Temos que retomar a igreja. Temos que ensinar aos dirigentes o caminho da plenitude da vida cristã!